



manipulação, não se tornou um conceito mitificado do «paraíso perdido» para os habitantes dos meios urbanos? É disto que fala a exposição de Catarina Leitão. Esta artista portuguesa, desde há alguns anos a residir em Nova Iorque, o paradigma do urbano por excelência onde já nem o céu é protector, debruça-se sobre os simulacros da paisagem idílica que os cidadãos, nostálgicos de um campo mitificado, recriam à sua volta para aliviar a sensação de desconforto físico. «Na cidade, a natureza manifesta-se em parques, jardins, caixas de cimento com plantas, em árvores que nascem de orifícios nos passeios, em relvados e recreações de jardins dentro de edifícios públicos», diz a artista no texto que escreveu para o catálogo em que se interroga sobre a razão por que se constroem estes «pedaços de natureza». A propósito dos paraísos fabricados, menciona os Jardins Suspensos da Babilónia, uma das sete maravilhas do mundo antigo, que pertencem à categoria do «sublime», um sentimento inventado e explorado em obras literárias e pictóricas. Surgem na exposição, que engloba diversos objectos e desenhos, sacos de feltro contendo terra e relva, uma suprema iro-

nia que remete para o consumo embalado da natureza que deixou de o ser. Da natureza domesticada que é uma imagem abstracta e desfocada daquela natureza intacta e impoluta em que o homem não mexeu. Provavelmente desde que, como afirma Leonor Nazaré no catálogo, perdemos o Éden «onde uma árvore da vida e outra do conhecimento nos terão confundido e retirado o direito de um olhar ingénuo». O sublime não existe. É uma dissociação calculada do modelo, daí a sua falsidade.

Cento de Arte Moderna.

Diferença e Conflito

Abarcando pintura, escultura, fotografia, instalação e vídeo, com incidência em conceitos como a melancolia, a expressão, o político e o desejo, é uma exposição onde se confrontam diversos universos artísticos que vão desde a pintura naturalista de um Malhoa até às mais recentes manifestações da vanguarda contemporânea. Suportam esta montagem, que se propõe ser um novo olhar sobre a arte portuguesa do século XX, perto de uma centena de obras divididas por 16 núcleos temáticos, organizados sem preocupa-

Natureza domesticada

Em que medida a noção de natureza no seu estado puro, sem qualquer espécie de